

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
CURSO DE PEDAGOGIA

**ARIELA BORGES SIMONI**

**DISCRIMINAÇÃO SEXUAL E *BULLYING*: CAUSAS DA EVASÃO DO  
ENSINO REGULAR**

MARINGÁ

2015

**ARIELA BORGES SIMONI**

**DISCRIMINAÇÃO SEXUAL E *BULLYING*: CAUSAS DA EVASÃO  
DO ENSINO REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso –  
TCC – apresentado como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Licenciada no Curso de Pedagogia  
da Universidade Estadual de  
Maringá.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Eliane Rose  
Maio

MARINGÁ

2015

ARIELA BORGES SIMONI

**DISCRIMINAÇÃO SEXUAL E *BULLYING*: CAUSAS DA EVASÃO  
DO ENSINO REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como parte dos  
requisitos para obtenção do grau de  
licenciatura em Pedagogia, da  
Universidade Estadual de Maringá,  
sob apreciação da seguinte banca  
examinadora:

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_

---

Profª Drª Eliane Rose Maio – Orientadora

---

Profª Ms. Jeinni Kelly Pereira Puziol – Banca

---

Prof. Ms. Márcio de Oliveira – Banca

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, porque Ele me deu coragem para chegar até aqui, proporcionando-me calma nas horas em que mais precisei.

Ao meu irmão, pois ele é a pessoa na qual eu me espelho todos os dias e me dá forças para querer ser uma boa profissional. Em especial ao meu pai, que sempre me apoiou em todas as minhas decisões, sempre cuidou de mim e me ensinou a ser a pessoa que sou hoje. As suas motivações me ajudaram nas horas em que eu mais precisei. Um muito obrigado a toda minha família, que sempre acreditou em mim e me ajudou a realizar este sonho.

Às minhas amigas, por estarem em toda essa caminhada comigo e por me dedicarem todo amor e carinho.

Agradeço à minha querida prof. Dr. Eliane Rose Maio pela sua grande contribuição como pessoa e como profissional.

Obrigada à banca por ter aceitado o convite deste momento único e especial em minha vida.

Sou agradecida a todos/as que sempre estiveram ao meu lado e me ajudaram na realização deste sonho! Gratidão sempre!

## RESUMO

A evasão escolar é um problema comum na educação brasileira. São várias as causas pelos quais os/as alunos/as interrompem seus estudos nos anos regulares de ensino. Um dos fatores é o *bullying* homofóbico. Por esse motivo, é necessário que todos/as do ambiente escolar tenham discernimento e sejam atenciosos/as, cuidadosos/as com os/as alunos/as para que os casos de discriminação sexual sejam menores ou não ocorram. A escola precisa ensinar que todas as pessoas, independentemente da sua orientação sexual, devem ser tratadas com respeito. Essa pesquisa tem o objetivo de verificar se a discriminação sexual contribui para a evasão escolar, por meio de uma pesquisa de campo. Foram aplicados questionários com 48 alunos/as da EJA (Educação de Jovens e Adultos/as), 4 professoras e 2 profissionais da equipe pedagógica do Colégio Professor Manoel R. da Silva, na cidade de Maringá-Paraná. A pesquisa foi realizada nessa instituição por ser considerada, pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná, um ambiente de qualidade, de flexibilidade, de criatividade e de referência para a educação de jovens e adultos/as. O resultado esperado foi conseguir entender como foi para o aluno interromper os estudos nos anos regulares e o que ocorreu para isso acontecer.

**Palavras-chave:** Discriminação Sexual. *Bullying*, Evasão Escolar. EJA.

## ABSTRACT

The school evasion it's a common problem on the Brazilian education. There are many reasons why the students quit their studies on the regular school. One of the factors of the evasion is caused by the homophobic bullying that the students suffer on the school environment. By this reason it's necessary that everyone involved with school environment have the discernment and care with the students in order to decrease the sexual discrimination cases. The school must teach that everyone independently of their sexual orientation, must be treated in the same way. The aim of this research is to verify if the sexual discrimination contributes with the school evasion. A questionnaire were applied with 48 students of EJA (young and adults education), 4 teachers and 2 professionals from the pedagogic team of the Manoel R. da Silva school, in city of Maringá/PR. The research was done in this institution by the fact that it's considered by the educational secretary of Parana State, a place in better quality environment, flexibility, creativity and for being reference for the education of young and adults. The expected result was to understand how was the experience of quitting the regular studies and the reasons why it happened.

**Key words:** Sexual discrimination. Bullying. School evasion. EJA.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1 EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO REGULAR</b> .....	10
<b>2 DIVERSIDADE SEXUAL: UM FATO PRESENTE NA ESCOLA</b> .....	16
<b>3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</b> .....	18
<b>4 BULLYING EM RELAÇÃO ÀS DIFERENTES ORIENTAÇÕES SEXUAIS</b> .....	20
<b>5 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS</b> .....	22
5.1 IDADE DOS/AS ALUNOS/AS .....	24
5.2 SEXO DOS/AS ALUNOS/AS .....	25
5.3 GÊNERO DOS/AS ALUNOS/AS.....	26
5.4 RELIGIÃO DOS/AS ALUNOS/AS .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS</b> .....	37
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES E EQUIPE PEDAGÓGICA</b> .....	39

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia é resultado de uma pesquisa de campo realizada no Colégio Professor Manoel R. da Silva, em Maringá-PR. O objetivo foi verificar se a discriminação sexual e o *bullying* contribuem para a evasão escolar, pois essa escola sofre essa violência constantemente. Para tanto, foram realizados questionários com professores, com a equipe pedagógica e com os alunos. A escolha por essa temática surgiu em função das reflexões sobre a taxa de abandono escolar, que, de acordo com o IBGE (2012), chegou a 37,9% no Brasil. A partir daí, estudos sobre *bullying*, discriminação e evasão escolar foram realizadas, a fim de se aperfeiçoar e compreender melhor o assunto. Seus resultados contribuíram para a formação em Pedagogia, tornando-a mais completa, visto que por minha experiência no curso, ele não me proporcionou matéria alguma que estude os motivos da evasão escolar. O fato de escolher a profissão de pedagoga foi realmente para proporcionar contribuições para a educação e, por meio de pesquisas, pudemos analisar algumas melhorias que devem e podem ser feitas.

O índice de abandono escolar entre jovens *gays*, *lésbicas*, *travestis* e *transexuais* está relacionado à forma como são tratados/as, motivo pelo qual esta pesquisa pode proporcionar conhecimento aos/as educadores para que esse fato não ocorra nas escolas.

O fato é que todos/as devem ser tratados/as com respeito, independentemente de raça, crença, cor, orientação sexual etc. Por esse motivo, cabe ao/a professor/a ter afeto pelos alunos/as, ou seja, ter uma relação de carinho, de compreensão e de cuidado. É também necessário proporcionar socialização entre ambos/as, fazendo que eles/as tenham momentos descontraídos e agradáveis por meio de oficinas, de recreação etc. Com isso, a evasão não se torna uma 'fuga' para o/a aluno/a.

Sabendo disso, grande responsabilidade está nas mãos do/a professor/a e da equipe escolar, pois são eles/as os/as responsáveis por motivar seus/as alunos/as a estudarem para que o processo de ensino seja proveitoso. Porém,

não se pode tirar a responsabilidade da família, que se julga necessária também no processo de aprendizagem.

Este trabalho está dividido em cinco seções: 1) evasão escolar no ensino regular; 2) diversidade sexual; 3) EJA (Educação de Jovens e Adultos/as); 4) *bullying* em relação às diferentes orientações sexuais; 5) procedimentos metodológicos e análise das respostas.

## 1. EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO REGULAR

Muitos são os motivos pelos quais o/a aluno/a brasileiro/a deixa de frequentar a escola nos anos regulares. A pesquisa patrocinada pelo Movimento *Todos Pela Educação*, pela Fundação Educar, D'Paschoal (2009), discute essas causas. De acordo com a pesquisa, há falta de interesse dos responsáveis e dos/as alunos/as em estudar, além do fato de criança e adolescentes começarem a trabalhar para ajudar na renda familiar.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (BRASIL, 2000) promove pesquisas que resultam em dados e em informações do País a fim de atender às precisões da sociedade civil (esferas federal, estadual e municipal). Nesse documento consta que o trabalho infanto-juvenil (incentivado por uma necessidade de contribuir economicamente para o convívio do grupo familiar no qual o indivíduo está inserido) é um fator determinante para o abandono do ensino básico. Conforme os dados do Censo Populacional (IBGE, 2000), de um total de 69.178 crianças, 2.160 são trabalhadoras e, dentre os/as 70.227 adolescentes, 19.688 também trabalham.

No entanto, essa pesquisa procura detectar outras irregularidades sociais que contribuem para a referida evasão, tais como: a desigualdade, a exclusão e o preconceito de ordem sexual. A evolução, inclusive jurídica, que o tema tem pedido faz surgir a necessidade de um estudo que aponte se a discriminação é, de fato, um dos motivos para que alunos abandonem os estudos. Silveira (2010, p. 9) afirma que a orientação sexual

[...] refere-se ao sexo das pessoas que elegemos para nos relacionar afetiva e sexualmente. Atualmente temos três tipos de orientação sexual: heterossexual, homossexual e bissexual. Contrapõem a opção sexual entendida como escolha deliberada e realizada de forma autônoma

Percebe-se que, muitas vezes, há uma confusão em relação aos termos orientação sexual e opção sexual. É importante distingui-las, pois não é uma opção da pessoa o sexo, e sim uma orientação, podendo ser: heterossexual, homossexual ou bissexual e outras combinações.

O site Opinião e Notícia (2015), formado por um grupo de brasileiro/ass que oferece cobertura de diversos temas, entrevistou 8.283 estudantes entre 15 e 29 anos. A pergunta: “Qual pessoa você não gostaria de ter como colega de classe?” obteve os seguintes resultados: 19,2% têm preconceito em relação à orientação sexual, 7,1% afirmam que não gostariam de estudar com travestis e 5,3% rejeitam colegas homossexuais. Essa pesquisa deixa explícita a ideia de que dentro da escola existe preconceito entre os/as estudantes.

A questão é que, independentemente da orientação sexual do indivíduo, todos possuem os mesmos direitos, motivo pelo qual devem ser tratados da mesma forma, sem distinção. A igualdade precisa estar presente em qualquer relação social, porém não se sabe se os evidentes, repetitivos e, muitas vezes, mascarados casos de discriminação sexual nas escolas brasileiras estão sendo combatidos a contento. Conforme a pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE, 2009), em parceria com o Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 72% das pessoas entrevistadas discriminaram homossexuais.

O fato é que a escola precisa adotar um processo de humanização e ser um espaço de relações sociais de qualidade, onde se possa despertar o desejo de saber do indivíduo, independentemente da sua orientação sexual, ou seja, por qual(is) gênero(s) ela se sente atraída. Silveira (2010, p. 8) explica que gênero é o

[...] conceito formulado a partir das discussões trazidas do movimento feminista para expressar contraposição ao sexo biológico e aos termos “sexo” e “diferença sexual”, distinguindo a dimensão biológica da dimensão sexual e, acentuando através da linguagem, “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (APUD SCOTT, 1995). Não com a intenção de negar totalmente a biologia dos corpos, mas para enfatizar a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Dessa forma, gênero seria a construção social do sexo anatômico demarcando que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia dos seus corpos.

Caso isso não aconteça, a discriminação torna-se uma realidade para os casos de evasão escolar no Brasil. Para Freitas (2011, p. 2), “[...] é necessário incluir, e não excluir os indivíduos, e as escolas são ambientes apropriados para essa inclusão”. Porém, de acordo com a pesquisa aqui realizada, as

escolas nem sempre têm propiciado esse ambiente. É preciso entender que a escola tem de ser o lugar apropriado para a construção da cidadania e, se isso não ocorrer, os casos de fracasso e de abandono escolar serão mais frequentes. Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil,

Art. 5 Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (BRASIL, 1988, s/p)

Sabe-se que todos/as são iguais, sem distinção alguma, motivo pelo qual devem ser tratados/as da mesma forma, sendo respeitoso/a. É indiscutível que o perfil e a conduta do/a professor/a são muito importantes nesse processo, pois, independentemente da orientação sexual, o/a aluno/a não pode ser tratado de forma desigual e ser 'excluído/a' da sociedade. O/A educador/a, nessas situações, deve se basear no potencial do educando, compreendendo melhor a sua realidade. Na maioria das vezes, ele/a vem com problemas externos à escola, tais como: não ter uma relação frutífera com a família, não ter incentivo da mesma etc. O educador deve ser contra a exclusão social por motivos de raça, de orientação sexual, de xenofobia (aversão a estrangeiros/as ou ao que vem do estrangeiro, ao que é estranho ou menos comum) ou de outras formas de discriminação. Dessa maneira pode-se dizer que a educação será de qualidade. Medina, Silva Junior e Rangel (1997, p.23) afirmam que

[...] a socialização do ensinar e do aprender acontece e a qualidade dessa socialização [...] pode se constituir no objeto da ação supervisora no sentido de garantir qualidade do ato de ensinar e aprender dos envolvidos no processo educativo.

Segundo Durkheim (1987, p.43), “[...] a educação consiste numa socialização metódica das novas gerações [...]”. Dessa forma, torna-se indispensável um processo de socialização na escola para que esta seja prazerosa ao/a aluno/a e que os preconceitos, tais como discriminações e agressões, possam não mais existir.

Para que o preconceito não seja uma realidade e não proporcione a evasão escolar, além da socialização, que é fundamental, a afetividade

também se faz imprescindível. O/A aluno/a precisa perceber bons resultados para que, desse modo, sua autoestima seja resgatada e seu processo de aprendizagem se torne satisfatório. Sua curiosidade deve ser instigada, de maneira que se torne cada vez mais um/a cidadão/ã crítico/a. O ato de aprender deve estar ligado ao lado afetivo, ou seja, é necessário ter prazer em aprender. Na concepção de Rossini (2001, p.15),

[...] a afetividade é a única saída para a educação, a proposta da educação é que as crianças tenham oportunidades de desenvolver tal afetividade. É preciso dar-lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda e ganhe espaço. A falta de afetividade leva à rejeição dos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à vontade de crescer. O ato de aprender tem que ser prazeroso em qualquer situação.

Nota-se que a afetividade promove o desenvolvimento e que o ato de aprender tem de ser prazeroso para que o/a aluno/a não abandone os estudos.

Na visão de Cunha (2008, p.51),

[...] em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompem lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

O fato é que o/a professor/a, ao ser afetivo/a, proporciona ao/a aluno/a mais atenção e evita que este/a seja agressivo/a. Com isso, fica explícita a importância da atitude do/a educador/a em sala de aula, pois é por meio dele/a que muitas vezes se define o mau comportamento do/a aluno/a. É importante lembrar que o professor, muitas vezes é espelho do aluno.

Em uma pesquisa intitulada *Projeto Diversidade Sexual na Escola* (BORTOLINI, 2007), foram levantadas informações sobre os/as profissionais da educação da rede pública do Rio de Janeiro quanto à questão da sexualidade. Os/As professores/as foram interrogados quanto a terem aluno/a(s) homossexual(is) em sala de aula. 1% respondeu que não gostaria de tê-lo(s) e 18% não se importariam, desde que esse/a(s) aluno/a(s) não expressasse(m) sua orientação em sala de aula. No segundo caso, há uma

grande chance de ecoar em um processo de negação de identidade, o que se torna um problema, podendo ser uma possível causa para o aluno interromper seus estudos.

O ponto determinante foi investigar o preconceito sexual, ou o *bullying*, que, na concepção de Neto (2005, p.185),

[...] compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

De acordo com a pesquisa aqui realizada, cujos resultados serão relatados mais abaixo, tanto o preconceito sexual quanto o *bullying* homofóbico podem ser causas para a evasão escolar e podem permanecer entre os/as próprios/as alunos/as ou até mesmo no/a professor/a. De acordo com Silveira (2010, p. 7), homofobia é um

[...] termo usado para descrever vários fenômenos sociais relacionados ao preconceito, à discriminação e à violência contra os homossexuais (ter desprezo, ódio, aversão ou medo de pessoas com orientação sexual diferente do padrão heterossexual). O termo, no entanto, não se refere ao conceito tradicional de fobia, facilmente associável à idéia de doença e tratados com terapias e antidepressivos. Atualmente, grupos lésbicos, bissexuais e transgêneros, com o intuito de conferir maior visibilidade política à suas lutas e criticar normas e valores postos pela dominação masculina, propõem, também, o uso dos termos lesbofobia, bifobia e transfobia.

É fato que o *bullying* homofóbico pode causar constrangimento e levar a uma provável desistência dos estudos. Dessa forma, o/a aluno/a não se torna participativo/a, não se manifesta para dirimir dúvidas relativas ao assunto estudado, percebendo a escola como um ambiente descartável. Por isso, cabe à equipe escolar e aos/as professores/as uma postura mais adequada sobre o assunto.

Muitos/as estudantes desistem do ano regular de ensino, provavelmente porque não têm incentivo dos professores e nem estabelecem vínculos em sala de aula. Essa falta de relações afetivas em ambiente escolar pode desencadear o desinteresse dos/as alunos/as. Para Aquino (1996), a relação

entre professor/a e aluno/a é muito importante, pois, se a relação de ambos/as for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta.

Freire (1996, p.77) pontua que “[...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina”. Isso mostra a importância da relação entre professor e aluno e a interação entre ensino e aprendizagem.

Pode-se dizer que o/a educador/a tem grande participação na educação do/a aluno/a dentro da escola. Por esse motivo, torna-se fundamental uma relação de respeito entre ambos/as para que o aprendizado seja frutífero. O fato é que a escola está enfrentando a diversidade sexual, o que torna ainda mais importante que toda a equipe escolar esteja preparada para que não façam dessa diferença um preconceito. Na próxima seção serão discutidos e ponderados assuntos referentes à: Diversidade Sexual: um fato presente na escola.

## 2. DIVERSIDADE SEXUAL: UM FATO PRESENTE NA ESCOLA

Diversidade sexual significa as várias formas de expressão da sexualidade humana. Silveira (2010, p. 12) explica que a sexualidade

[...] é aprendida, ou melhor, é construída ao longo de toda a vida, de muitos e diferentes modos, por todos os sujeitos por isso, é entendida como um conceito dinâmico que se modifica conforme as posições do sujeito e suas disputas políticas. A sexualidade tem a ver tanto com o corpo, como também com os rituais, o desejo, a fantasia, as palavras, as sensações, emoções, imagens e experiências. Ela não tem ligação somente com a questão do sexo e dos atos sexuais, mas também com os prazeres e sua relação com o corpo e a cultura compreendendo o erotismo, o desejo e o afeto; até questões relativas à reprodução, saúde sexual, utilização de novas tecnologias.

Hoje, o grande problema é que parte da sociedade não aceita e discrimina as pessoas por terem diferentes orientações sexuais. Silveira (2010) mostra que, para as pessoas não serem discriminadas, algumas delas, muitas vezes, não demonstram o que querem ser, e as que assumem sua identidade sexual, são indivíduos que sofrem preconceito, *bullying* e discriminação sexual.

No entanto, falar sobre gênero e sexualidade gera muitas discussões e faz que as agressões, sejam elas verbais ou físicas, estejam cada vez mais presentes e sejam mais comuns na sociedade, principalmente no espaço escolar. Para que não haja agressões e preconceito, é preciso que esses temas (gênero e sexualidade) sejam debatidos em ambiente escolar, pois é o ponto de partida do/a cidadão/ã. Uma vez ensinado na escola, dificilmente o/a aluno/a se comportará de outro modo fora dela. Mais uma vez, torna-se essencial o papel pedagógico da escola para evitar que tais atitudes sejam tão discriminatórias e agressivas. Silveira (2010, p. 10) afirma que

[...] a tarefa pedagógica deve ser questionar a heterossexualidade compulsória e mostrar que a hierarquia de sexualidades é tão insustentável quanto a de sexos, bem como incluir a ideia de diversidade sexual em livros e apostilas escolares.

É fato que, para que haja pessoas com uma boa educação referente às diversidades, sejam elas raciais, culturais, sexuais, é preciso partir da escola,

pois ela é responsável por formar um indivíduo. Ela precisa ser exemplo e ser um lugar que promova igualdade entre as pessoas, e não desigualdades. É inadmissível uma escola que trate os/as alunos/as de modo desigual. Ela tem de ser o exemplo para o/a cidadão/ã, e não um lugar que faça que o/a aluno/a se sinta constrangido/a e abandone a escola. Segundo Maio (2010, p. 56),

[...] as manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de educação sexual adequada, consciente e emancipadora contribuiria para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento, na área da sexualidade.

Essas dificuldades fazem que os/as alunos/as não se sintam aceitos/as na escola, pois muitos/as profissionais não sabem lidar com a diversidade sexual. Por esse motivo, ela deve ser o espaço prazeroso para uma formação humana, para que todos/as ali saibam tratá-los sem discriminação.

### 3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/AS (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos/as é uma modalidade da educação básica destinada a jovens e adultos/as que, de alguma forma, não tiveram acesso à escola no Ensino Fundamental e Médio (PARANÁ, s/d).

No Brasil, a partir dos anos 40, a EJA se constituiu em tema de política educacional. Com a Constituição de 1934, já havia uma necessidade de oferecer essa educação por meio de textos normativos. Na década seguinte, começaram a surgir preocupações em oferecer escolarização para a população excluída da sociedade. Segundo Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p 59),

Essa tendência se expressou em várias ações e programas governamentais, nos anos 40 e 50. Além de iniciativas nos níveis estadual e local, merecem ser citadas, em razão de sua amplitude nacional: a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário em 1942, do Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos, ambos em 1947, da Campanha de Educação Rural iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo em 1958.

Com isso, percebe-se que diversas campanhas a favor da Educação de Jovens e Adultos/as foram criadas nessa época, para proporcionar estudos às pessoas e diminuir os níveis de analfabetismo no País.

Nos dias de hoje, a Educação de Jovens e Adultos/as se proliferou, e são diversos colégios que oferecem estudos para as pessoas. Conforme o *site* Dia a Dia Educação (PARANÁ, s/d, s/p) do Governo do Estado do Paraná, a EJA é

[...] voltada para a garantia de formação integral, da alfabetização às diferentes etapas da escolarização ao longo da vida, inclusive àqueles em situação de privação de liberdade, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é pautada pela inclusão e pela qualidade social. Dessa forma, requer tanto um modelo pedagógico próprio que permita a apropriação e a contextualização das Diretrizes Curriculares Nacionais, quanto a implantação de um sistema de monitoramento e avaliação e uma política de formação permanente de seus professores.

Ou seja, as pessoas que, por algum motivo, desistiram da escola na época regular, têm uma nova oportunidade para continuar os estudos e terminá-los no Ensino Fundamental e Médio.

Esse foi o motivo que nos levou a escolher os/as alunos/as da EJA: ter acesso àqueles que voltaram recentemente para a escola e saber quais foram os motivos pelos quais interromperam os estudos na escola regular.

É importante saber que a forma de tratar os/as jovens e adultos/as é totalmente diferente do que antes, por isso é preciso conhecer o jovem que retorna à escola. Conforme Arroyo (2006, p.22),

[...] a reconfiguração da EJA não pode começar por perguntar-nos pelo seu lugar no sistema de educação e menos pelo seu lugar nas modalidades de ensino. [...] O ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos.

Nesse processo, a afetividade também se torna um fator importante, pois motiva o/a estudante a frequentar a escola. A sua história de vida deve ser considerada para que o ensino seja eficaz e nada o faça recordar o motivo (que muitas vezes pode até ser um trauma) que o fez abandonar o ensino regular.

Santos (2007) alerta para o fato de o/a aluno/a na EJA ser mais inseguro/a e já ter vivido diversas derrotas no processo escolar. A autora ainda destaca que qualquer decepção faz que ele/a interrompa os estudos. É importante ressaltar que esse/a aluno/a já parou os estudos uma vez, motivo pelo qual o/a professor/a e a equipe escolar se tornam mais responsáveis pela sua permanência na escola.

Para que o/a professor/a e a equipe escolar tenham um bom convívio com qualquer tipo de aluno/a, independentemente de sua crença, raça, religião, orientação sexual, as faculdades e universidades devem capacitá-los/as, promovendo discussões sobre diversidade sexual, *bullying* e discriminação sexual. O fato é que se faz necessária uma disciplina que trate desse assunto e de vários outros problemas que possam favorecer a evasão escolar. Nesse aspecto, o curso de Pedagogia. De acordo com minhas experiências está em débito, prejudicando futuros/as pedagogos/as e professores/as.

#### 4. **BULLYING EM RELAÇÃO ÀS DIFERENTES ORIENTAÇÕES SEXUAIS**

Apesar de o *bullying* ser um tipo de violência ocorrida principalmente entre alunos/as nas escolas, muitas vezes ele está presente entre professores/as, e funcionários/as. Para Martins (2005, p.103), a expressão significa “[...] maus tratos entre iguais”. De acordo com o autor o termo *bullying* foi designado na Noruega, em 1970, e, posteriormente, passou a ser empregado em alguns países europeus e africanos, assim como nos Estados Unidos e Canadá e, por último, no Brasil (MARTINS, 2005)

Ainda de acordo com Martins (2005), o *bullying* é dividido em direitos físicos: roubar ou estragar objeto dos colegas, forçar comportamentos e ameaçar; direitos verbais: colocar apelidos, fazer comentários maldosos, fofocas, interferir na vida social do outro etc.

Segundo Antunes e Zuin (2008, p. 5),

[...] o *bullying*, tal como conceituado, não é, de maneira alguma, uma simples manifestação da violência sem qualquer fator determinante. Na verdade, o *bullying* se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores.

Com isso, percebe-se que, de certa forma, a prática do *bullying* prejudica o indivíduo que sofre essa violência, pois este se sente inferior e isso pode influenciar, de maneira negativa, na sua vida pessoal e profissional.

De forma semelhante, ocorre a discriminação, que é uma prática de julgar alguém por determinada característica diferente, seja ela racial, sexual etc. Para Rios (2007, p. 28),

[...] o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos.

Percebe-se que cada vez está ficando mais comum a discriminação como uma prática humana. Soares (2000, p. 5) destaca que

[...] a discriminação nas sociedades humanas é prática tão disseminada quanto nefasta. Onde existe a diferença, existem indivíduos cujas vidas são prejudicadas por pertencerem a um ou outro grupo que foge a determinadas normas. Essas normas podem ser a cor da pele, a opção sexual, a religião, o sexo, a origem social ou quase qualquer outra marca que se impõe aos indivíduos. A discriminação existe em todos os continentes, em inúmeros países, em muitas línguas e em várias culturas. Trata-se de prática quase universal.

O grande problema é que a discriminação gera uma série de fatores negativos para quem a sofre, fazendo com que a pessoa, muitas vezes, permaneça inibida e desestimulada, o que, posteriormente, pode gerar uma violência maior. Para Bandeira e Batista (2002, p.120),

[...] neste ensaio propomos discutir a construção do preconceito e a visibilidade das discriminações decorrentes, duplamente associadas à condição de emergência das diferenças: seja pela afirmação e manipulação da condição da diferença, seja por sua insistente negação ou dissimulação. Em ambos os casos, o não-reconhecimento ou a falta de respeito às diferenças se fazem presentes, criando novos padrões de violência.

O fato é que, em muitos casos, o *bullying* leva à discriminação sexual, fazendo a pessoa sofrer diversas atitudes negativas, seja no trabalho, na vida pessoal ou escolar e, com isso, podem ser construídas fontes de violência.

Para Rios e Piovesan (2012, p.161), “[...] a discriminação por orientação sexual se apresenta de forma direta, intencional e inequívoca”, ou seja, ela é intencional e evidente. As pessoas que sofrem esse tipo de discriminação, muitas vezes, querem deixar de frequentar certos lugares, para evitarem esses constrangimentos.

Nota-se que tanto o *bullying* quanto a discriminação são violências cada vez mais ‘comuns’ entre os indivíduos, gerando fatores negativos e prejudicando a vida de quem a sofre. Essas atitudes podem levar a pessoa a desistir da vida pessoal, fazendo que ela se isole das pessoas e, conseqüentemente, dos estudos.

A seguir, apresentamos os procedimentos metodológicos e as análises das respostas dos alunos, dos professores/as e da equipe pedagógica aos questionários aplicados.

## 5. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E ANÁLISES DE RESPOSTAS

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa de campo. Na concepção de Gonçalves (2001, p.67),

[...] a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]

O espaço onde ocorreu esta pesquisa foi o Colégio Professor Manoel R. da Silva (CEEBJA), na cidade de Maringá-PR. Nele foram aplicados questionários (APÊNDICE A) a 48 alunos/as, a 4 professoras e a 2 profissionais da equipe pedagógica.

De acordo com a Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED), o CEEBJA (Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos) iniciou suas atividades em 19/09/1985 e tem por objetivo escolarizar jovens e adultos/as (PARANÁ, s/d). A pesquisa foi realizada nessa instituição por ser considerada pela SEED um ambiente de qualidade, de flexibilidade, de criatividade e de referência para a educação de jovens e adultos/as, para que possam concluir seus estudos.

O objetivo principal foi verificar se a discriminação sexual contribui para a evasão escolar. Para chegar a essa conclusão, foram elaborados questionários com uma prévia de perguntas. De acordo com as respostas obtidas, apresentamos uma tabela com as diferenças e semelhanças de idade, de sexo, de gênero e de religião dos/as alunos/as.

### Dados dos alunos

	IDADE	SEXO	GÊNERO	RELIGIÃO
Aluna 1	21 anos	Feminino	Feminino	Católica
Aluna 2	19 anos	Feminino	Feminino	Evangélica
Aluno 3	20 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluna 4	19 anos	Feminino	Feminino	Adventista

Aluno 5	24 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluna 6	17 anos	Feminino	Feminino	Evangélica
Aluna 7	19 anos	Feminino	Feminino	Budista
Aluno 8	24 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluno 9	19 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluno 10	39 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluna 11	18 anos	Feminino	Feminino	Não possui
Aluno 12	46 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluno 13	28 anos	Masculino	Masculino	Budista
Aluno 14	20 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluno 15	20 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluna 16	21 anos	Feminino	Feminino	Evangélica
Aluno 17	25 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluna 18	21 anos	Feminino	Feminino	Evangélica
Aluno 19	28 anos	Masculino	Masculino	Não possui
Aluna 20	25 anos	Feminino	Feminino	Evangélica
Aluno 21	25 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluna 22	42 anos	Feminino	Feminino	Adventista
Aluna 23	19 anos	Feminino	Feminino	Evangélica
Aluno 24	22 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluna 25	21 anos	Feminino	Feminino	Católica
Aluno 26	22 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluno 27	21 anos	Masculino	Masculino	Não possui
Aluno 28	20 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluno 29	22 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluno 30	20 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluna 31	34 anos	Feminino	Feminino	Católica
Aluno 32	60 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluno 33	23 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluno 34	19 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluna 35	52 anos	Feminino	Feminino	Evangélica
Aluno 36	20 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluna 37	23 anos	Feminino	Feminino	Evangélica

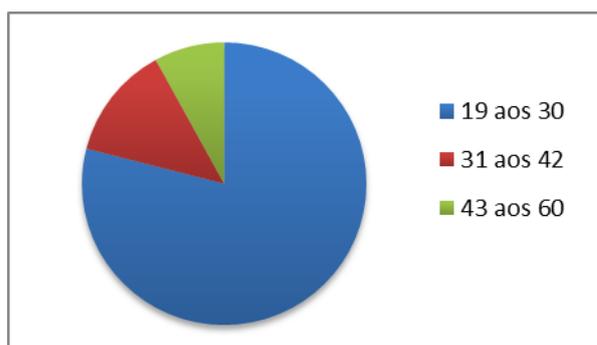
Aluno 38	39 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluno 39	40 anos	Masculino	Masculino	Evangélico
Aluno 40	36 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluna 41	54 anos	Feminino	Feminino	Católica
Aluno 42	20 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluno 43	27 anos	Masculino	Masculino	Não possui
Aluno 44	19 anos	Masculino	Masculino	Católico
Aluno 45	21 anos	Masculino	Masculino	Não possui
Aluno 46	20 anos	Masculino	Masculino	Não possui
Aluno 47	21 anos	Masculino	Masculino	Adventista
Aluno 48	22 anos	Masculino	Masculino	Não possui

FONTE: elaborada pela autora.

Os gráficos a seguir mostram as predominâncias entre os dados obtidos por meio dos questionários.

### 5.1 Idades dos/as Alunos/as

Faixa etária



Como se pode observar na tabela acima, o grande percentual de idade das pessoas que voltaram a estudar é dos 19 aos 30 anos, totalizando 79% dos/as entrevistados/as, o que significa que não permanecera, muito tempo fora da escola. Depois identificamos uma faixa etária acima dos 30 anos: dos 31 aos 42 anos, que soma 13%; 8% pertencem à faixa etária que compreende alunos entre 43 e 60 anos. Por meio dos questionários, as pessoas disseram

que estão voltando mais rápido para estudarem porque pretendem fazer uma graduação e garantir um futuro mais estável.

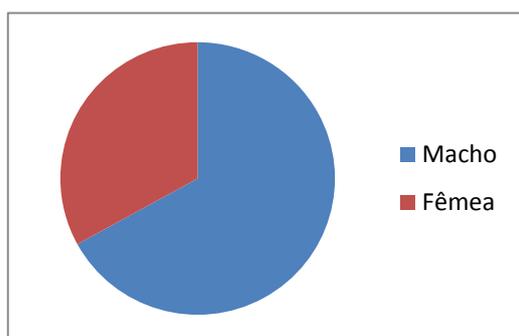
Quanto ao questionário referente ao sexo e ao gênero dos/as alunos/as, apresentamos o ponto de vista de Silveira (2010), para quem o gênero é a “[...] construção social do sexo [...] demarcando que homens e mulheres são produtos da realidade social”. Para o sexo biológico, a autora pontua que (2010, p. 13)

[...] é o conjunto de características fisiológicas, informações cromossômicas, órgãos genitais, potencialidade individual para o exercício de qualquer função biológica que diferencia machos e fêmeas.

As perguntas constantes desse questionário foram elaboradas com o objetivo de saber se algum/a aluno/a tinha a identidade de gênero diferente do sexo biológico e, nesse caso, de entrevistá-lo/a e de descobrir se tinha desistido dos estudos na época por ser discriminado/a.

## 5.2 Sexo dos/as alunos/as

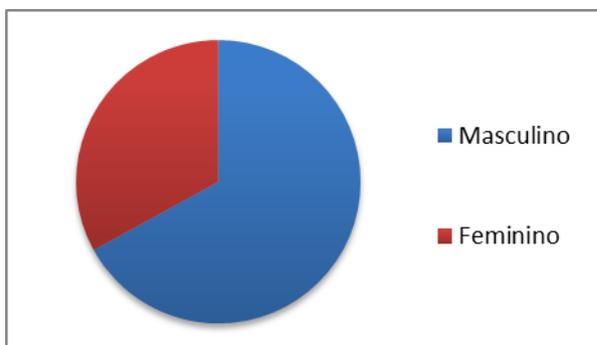
Número de macho e fêmeas



O gráfico acima aponta que havia mais machos (67%) do que fêmeas (33%) entre os/as entrevistados/as e que mais machos quiseram responder em comparação com as fêmeas. Isso se deve ao fato de que algumas demonstraram constrangimento, saindo da sala ou dizendo que o tema da pesquisa não lhes interessava, motivo pelo qual não quiseram responder.

### 5.3 Gênero dos/as alunos/as

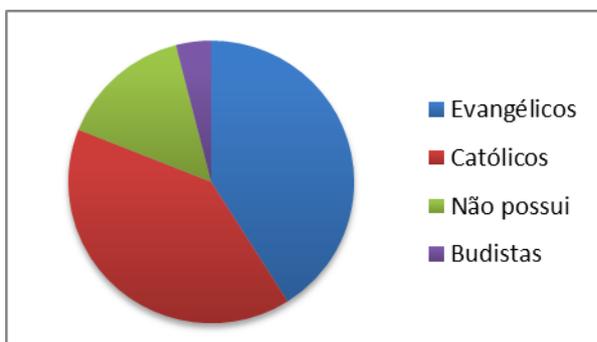
Número de gênero dos/as alunos/as



Nenhum aluno respondeu ter a identidade diferente do sexo, motivo pelo qual a porcentagem permaneceu a mesma: 67% disseram ser do gênero masculino e 33% do gênero feminino. No entanto, alguns relataram ter presenciado essa situação quando cursavam o ensino regular. Um dos entrevistados mencionou que a equipe pedagógica não ajudava muito com essa questão, o que motivou um/a dos/as alunos/as a desistir dos estudos. Alguns/as alunos/as disseram que inúmeras vezes ocorreram brigas por causa de discriminação sexual e racial e que, em muitos desses momentos, o/a professor/a nem levava o assunto a sério e prosseguia a aula como se nada tivesse acontecido.

### 5.4 Religião dos/as alunos/as

Dados das religiões dos/as alunos/as



Grande parte dos/as alunos/as que responderam o questionário disse ser evangélico/a, totalizando 41%; em segundo lugar, vêm os/as católicos/as, com 40% e, em terceiro, os/as budistas, com 4%; Os/As 15% restantes disseram não ter religião alguma.

O fato é que a religião pode influenciar para que o *bullying* homofóbico ocorra. Para Silva e Barreto (2012, p.15),

[...] um fator complicador quando se fala em *bullying* homofóbico é o de que sua denúncia pode envolver em alguns casos a revelação sobre a orientação sexual do aluno, o que pode gerar uma vitimização ainda maior sobre este, contribuindo para relações destrutivas na escola e também no ambiente familiar. A questão é agravada pelo preconceito em relação à liberdade de orientação sexual presente nos discursos de muitas religiões, presentes também nos vários atores da instituição escolar.

Por esse motivo, percebe-se como a religião, seus discursos e crenças podem impedir que o/a aluno/a revele sua orientação sexual, tornando-se inibido/a e sendo cada vez mais alvo de mais violência.

Silva e Barreto (2012, p. 15) evidenciam que a homofobia

[...] é uma forma de discriminação contra a orientação sexual de homossexuais, ou seja, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que ainda se encontra velada, encoberta, invisível enquanto um tipo de violência que também predomina no contexto escolar.

O *bullying* e a homofobia têm relações por serem violências presentes em diversos ambientes, porém ainda se trata de um tabu na sociedade. De acordo com Júnior (s/d, s/p),

[...] em geral “os/as professores/as não querem ver a diversidade sexual e a escola não quer se responsabilizar para que não seja preciso intervir e, assim, não seja preciso arcar com o ônus de acolher a discussão sobre a discriminação sexual e a homofobia”.

Não são apenas os/as professores/as que “não querem enxergar” a diversidade sexual; muitas pessoas não se pronunciam sobre o assunto por puro preconceito.

Pode-se considerar que, de fato, muitos/as transexuais e travestis que sofreram preconceito na escola a ela não retornaram, com medo que a ‘perseguição’ continuasse, motivo pelo qual não estão entre os/as nossos/as entrevistados/as.

Os/As professores/as e a equipe pedagógica também responderam um questionário (APÊNDICE B). Os/As 6 que responderam alegaram já ter convivido com alunos transexuais e travestis e disseram que os/as trataram da mesma forma que os/as demais. Quatro delas já presenciaram cenas de preconceito entre alunos nesse colégio e disseram que, para resolver o problema, tentaram conversar com os/as agressores/as para por um fim na situação. Todos/as também afirmaram achar que a discriminação sexual e o *bullying* contribuem de alguma forma para a evasão escolar.

Na tabela a seguir, estão os dados de 4 professoras e de 2 orientadores pedagógicos. Pode-se perceber que o tempo em que trabalham no ambiente escolar é grande.

<b>Professora</b>	<b>Idade</b>	<b>Religião</b>	<b>Cargo na instituição</b>	<b>Tempo de atuação</b>
Professora 1	54 anos	Católica	Professora de História	18 anos
Professora 2	43 anos	Católica	Professora de Matemática	23 anos
Professora 3	39 anos	Católica	Professora de Português	22 anos
Professora 4	57 anos	Evangélica	Professora de Química	30 anos
Orientadora Pedagógica 1	52 anos	Católica	Pedagoga	30 anos
Orientadora Pedagógica 2	47 anos	Católica	Pedagoga	30 anos

A religião dos/as professores/as também foi incluída entre as perguntas porque se trata de um fator que pode contribuir para o aumento, ou não, da discriminação. No entanto, de acordo com relatos, todos/as disseram ter um ótimo convívio com diversos tipos de diferenças que os/as alunos/as apresentam, mas disseram conhecer professores/as que não têm essa mesma atitude e têm preconceito dentro da escola. Pereira (2014, p. 133) explica o posicionamento da religião quanto à pessoa com diversas orientações sexuais:

A igreja Metodista no Brasil em seu posicionamento em relação ao tema: Afirma o ensino bíblico de que Deus criou homem e mulher, e esta é a orientação sexual reconhecida pela Igreja. E este mesmo ensino bíblico classifica como um pecado a prática do homossexualismo (utilizo este termo, pois se trata da palavra que os materiais didáticos fornecidos pela Igreja Metodista tem publicado, não existe uma preocupação com o uso da palavra homossexualidade). Deste modo, é inalienável o direito da Igreja de pregar e ensinar, no privado e no público, contra a prática homossexual como um pecado e desobediência aos ensinamentos de Deus. O fato de a Igreja compreender o homossexualismo (os pronunciamentos e cartas pastorais não fazem uso da palavra homossexualidade) desta maneira não a impede de receber, acolher e dialogar com os homossexuais. A Igreja quer, no entanto, preservar o seu direito de questionar a conduta humana, qualquer que seja ela, inclusive a conduta homossexual, de modo a poder desempenhar sua missão de pregar a reconciliação do ser humano com Deus, com o seu próximo e consigo mesmo.

Isso deixa explícito que, muitas vezes, por pertencer a uma religião, o/a indivíduo/a não assume sua orientação sexual. Percebe-se que a religião, em muitos casos, não aceita a pessoa homossexual (lésbica, *gay*), travesti ou transexual.

Sobre a importância da relação aluno-professor, cada um deu uma resposta:

Professor 1 (Professora de História): “É um momento de ensino-aprendizagem”

Professor 2 (Professora de Matemática): “Respeito acima de tudo. A atenção dispensada respeitosamente tende a humanizar, tanto para quem tem preconceito, como para quem já sofreu muito para ser aceito”.

Professor 3 (Professora de Português): “Se o aluno tem uma relação harmoniosa com o professor, ele tem segurança para enfrentar eventuais situações de preconceito ou *bullying*.”

Professor 4 (Professora de Química): “São nos professores que os alunos adquirem confiança.”

Lopes (2008, p.5) pontua que

Muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. [...] não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo.

Com base em Lopes (2008), percebe-se como essa relação é importante no processo escolar do/a aluno/a, ou seja, que uma relação frutífera entre ambos/as produz uma educação de qualidade.

Ao analisarmos as respostas dos professores, notamos a presença da teoria de Wallon (1986), para quem as questões afetivas promovem o avanço e o desenvolvimento das pessoas. Sendo assim, é na sala de aula que as relações entre professores/as e alunos/as devem ser eficazes. Os orientadores pedagógicos também precisam fazer parte desse vínculo. Suas respostas também trouxeram a importância dessa relação. Freire (1996, p.146) contribui com essa questão:

[...] como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual

Isso não quer dizer que não haverá respeito entre ambos/as, pois, o/a professor/a ainda continuará exigente, mas será afetivo com todos/as, não fazendo distinção e proporcionando qualidade no ensino-aprendizagem.

Orientador/a pedagógico/a 1 (Pedagoga): “O vínculo entre o professor e o aluno já é um início de um convívio escolar, o qual proporcionará os encaminhamentos necessários, conhecendo potencial facilita a assimilação da aprendizagem”.

Orientador/a pedagógico/a 2 (Pedagoga): “Ela é fundamental para que haja desenvolvimento da autoestima do aluno e, a partir daí, uma boa aprendizagem”.

Nas respostas das duas pedagogas, constatamos a importância da afetividade tanto entre os/as alunos/as quanto entre professor/a-aluno/a. Quando há respeito, as pessoas se sentem mais aceitas e motivadas. Se o/a professor/a percebe que a discriminação e o *bullying* acontecem, ele/a precisa

tomar uma providência para conter os/as agressores/as e motivar o/a aluno/a agredido/a para que não desista de estudar. Lopes (2008, p.6) afirma que

[...] se acredita que uma das tarefas das equipes pedagógicas de qualquer escola, é a criação de estratégias eficazes, no sentido de promover uma formação continuada, a qual possibilite uma relação pedagógica significativa e responsável entre professores e alunos, garantindo a todos a melhoria no processo ensino aprendizagem.

Para isso, se faz necessário um trabalho conjunto de toda a escola, para que essas estratégias sejam frutíferas e façam que o/a aluno/a se sinta motivado/a para ir à escola. Nesse mesmo trabalho, deve ser ponderada a questão entre o relacionamento dos/as alunos/as, pois o/a professor/a precisa reprimir qualquer tipo de *bullying* e discriminação. Botelho e Souza (2007, p.68) salientam que, “[...] para que as estratégias de intervenção do *bullying* sejam eficazes, devem ser incluídos, além dos/as alunos/as, o corpo docente, os funcionários da escola, os familiares e a comunidade do entorno”.

O *bullying* e a discriminação sexual caminham juntos e, para que isso não seja uma realidade nas escolas, todos/as precisam estar atentos/as aos/as alunos, bem como a toda a equipe escolar, corrigindo-os/as para que ninguém sofra com isso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui realizada teve o intuito de saber se a discriminação sexual é uma causa para a evasão escolar. De fato, muitas crianças abandonam a escola por falta de oportunidade ou acesso, porém aqui foram questionadas outras causas que poderiam causar a evasão, tais como: desigualdade, *bullying*, exclusão e preconceito sexual. A pesquisa concluiu que esses fatos fazem, sim, que o/a aluno/a pare de estudar. Mesmo não podendo conversar, conhecer esse/a aluno/a e saber como tudo aconteceu, alguns/mas entrevistados/as da escola relataram que já presenciaram cenas de preconceito sexual, o que acabou intimidando o/a aluno/a que sofreu a violência.

Constatamos que muitos/as deles/as não voltaram a estudar. Para que isso não seja uma realidade nem na escola, nem em qualquer ambiente, cabe à equipe escolar desenvolver estratégias para corrigir quem é o/a agressor/a. A escola precisa ser um ambiente de afeto, de estímulo e de socialização que proporcione ao/a aluno/a uma contribuição para que ele/a se sinta à vontade. O problema é que muitas vezes os/as professores/as são preconceituosos/as e não corrigem as atitudes dos/as agressores/as. Muitas vezes esse comportamento se torna hábito e acaba sendo 'normalizado'.

Percebe-se que não é só pela necessidade de emprego ou por falta de incentivo da família que alunos/as abandonam os estudos. Isso também ocorre por causa do *bullying* homofóbico e da discriminação. Cada vez mais esses temas estão sendo mascarados na sociedade, inclusive nas escolas, que, de fato, deveria ser um espaço de socialização entre todos/as, independentemente de características ou de crenças.

Conclui-se que, por meio da minha experiência no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá está vago de disciplinas que proporcionem discussões sobre os motivos pelos quais os/as alunos/as abandonam escolas de todo o Brasil. Esse tema é importante para que se investiguem os aspectos para a melhoria da educação e formas de combater os motivos da desistência por parte dos/as alunos/as.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Deborah. ZUIN, Antônio. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. São Carlos: 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822008000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100004). Acesso em: 3 ago. 2015.

AQUINO, Julio Groppa. **A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.

ARROYO, M. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, p.19-50.

BANDEIRA, Lourdes, BATISTA, Analía, Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violências**. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade Sexual na Escola**. 2007. Disponível em: <[http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/diversidad\\_e\\_sexual\\_na\\_escola.pdf](http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/diversidad_e_sexual_na_escola.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BOTELHO, Rafael, SOUZA, José. **Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/ED\\_UCACAO\\_FISICA/artigos/BoletimEF.org\\_Bullying-e-Educacao-Fisica-na-escola.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ED_UCACAO_FISICA/artigos/BoletimEF.org_Bullying-e-Educacao-Fisica-na-escola.pdf)> Acesso em: 22 ago. 2015.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

D'PASCHOAL, Movimento Todos Pela Educação, 2009. **Tempo de Permanência na Escola**. Disponível em: <[http://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/tpe/TPE\\_Texto\\_.pdf](http://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/tpe/TPE_Texto_.pdf)>

DURKHEIM, Émile. **A Educação como Processo Socializador: Função Homogeneizadora e Função Diferenciadora**. São Paulo, 1987.

FIPE, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. **Projeto de Estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, gerencial, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual**. São Paulo, 2009. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>> Acesso em: 10 maio. 2015.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, 1996. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/1703930/paulo-freire----pedagogia-da-autonomia/12>>

FREITAS, Júlio. **Exclusão social, fracasso e evasão escolar de jovens homossexuais**. Faculdade Senac, 2011. Disponível em: <[http://www.faculdaadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/comunicacao/012\\_2011\\_ap\\_oral.pdf](http://www.faculdaadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/V/anais/comunicacao/012_2011_ap_oral.pdf)>. Acesso em: 2 set. 2015.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

GOVERNO DO ESTADO. **Dia a Dia Educação**. Paraná (s/d). Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=71>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

IBGE. **Censo demográfico 2000**: Resultados do universo e microdados da amostra. Rio de Janeiro, 2000.

IBGE. **Congresso Nacional**: Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

JÚNIOR, Ednildon. **Homofobia e heterossexualismo nas escolas**: propostas pedagógicas inclusivas. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/generoxi/trabalhos/TRABALHO\\_EV046\\_MD1\\_SA2\\_ID301\\_29042015004224.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/generoxi/trabalhos/TRABALHO_EV046_MD1_SA2_ID301_29042015004224.pdf)> Acesso em: 09 jan.2016.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo de ensino aprendizagem**. Ponta Grossa, Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

MEDINA, Antonia da Silva, SILVA JÚNIOR, Celestino Alves da; RANGEL, Mary. **Nove olhares sobre a Supervisão**. Campinas, 1997.

MAIO, Eliane Rose. **Educação sexual**: questões de gênero. 2010. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce\\_diversidade.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf)>. Acesso em: 6 nov. 2015.

MARTINS, Maria. **O problema da violência escolar**: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. Braga: Portugal, 2005. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Martins+O+problema+da+Viol%C3%Aancia+Escolar+uma+clarifica%C3%A7%C3%A3o+e+diferencia%C3%A7%C3%A3o+de+v%C3%A1rios+conceitos+relacionados.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2015, 18:20:1

NETO, Lopes. **Bullying, comportamento agressivo entre estudantes**. 2005. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

OPINIÃO E NOTÍCIA. **Homofobia é o preconceito mais comum entre estudantes brasileiros**. 2015. Disponível em: <<http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/homofobia-e-o-preconceito-mais-comum-entre-estudantes-brasileiros/>>. Acesso em: 20 dez, 2015.

PEREIRA, Fabiano. **Religião e homossexualidade: o desafio da benção religiosa sobre a união homoafetiva entre casais homossexuais que se declaram evangélicos**. São Paulo: 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/discernindo/article/viewFile/4751/4036>>. Acesso em: 15 dez, 2015.

PIERRO, Maria, JOIA, Orlando, RIBEIRO, Vera. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2016.

ROSSINI, Maria. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

RIOS, Roger Raupp. **O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30426292/Livro\\_Rompa\\_o\\_Silencio.pdf?AWSAccessKeyId=akiaj56tjrtwsmtnpea&expires=1440531780&signature=sg3mtzle%2bc506i123b9t0l%2bdh5g%3D&response-content-disposition=inline#page=26](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30426292/Livro_Rompa_o_Silencio.pdf?AWSAccessKeyId=akiaj56tjrtwsmtnpea&expires=1440531780&signature=sg3mtzle%2bc506i123b9t0l%2bdh5g%3D&response-content-disposition=inline#page=26)>. Acesso em: 20 ago, 2015.

RIOS, Roger, PIOVESAN, Flávia. **A discriminação por gênero e por orientação sexual**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://daleth.cjf.jus.br/revista/seriecadernos/vol24/artigo05.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

SANTOS, M. A. M. T. **A produção do sucesso na educação de jovens e adultos: o caso de uma escola pública**. Brazilândia. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, Joilson, P. da; BARRETO, Nayara, S. **Violência escolar: problematizando a relação entre o bullying e a homofobia**. Itabaiana, 2012. Disponível em: <[http://200.17.141.110/periodicos/revista\\_forum\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_12/FORUM\\_V12\\_01.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_12/FORUM_V12_01.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2015.

SOARES, Sergei. **Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho – Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras**. Brasília, 2000. Disponível em:

<[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2295/1/TD\\_769.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2295/1/TD_769.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2015.

SILVEIRA, Viviane. **Diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná**. Curitiba, 2010. Disponível em:  
<[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce\\_diversidade.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf)>.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1998.

**APÊNDICE A****QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS**

1. Qual é a sua idade?

---

2. Qual seu sexo biológico:

(M) ( ) (F) ( )

3. Qual seu gênero:

Masculino ( ) Feminino ( ) Travesti ( ) Transexual ( )

4. Com quantos anos você parou de estudar?

---

5. Com quantos anos você voltou a estudar?

---

6. Por que você decidiu voltar a estudar?

(A) ( ) Para ter emprego/salário melhor.

(B) ( ) Para somente ter o diploma.

(C) ( ) Porque me sinto mais aceito(a) nesta escola do que na anterior.

7. Defina em uma palavra a escola onde você estudou antes de desistir.

---

8. Como era a relação da equipe com você e os(as) outros(as) alunos(as)?

(a) Boa ( ) (b) Regular ( ) (c) Ruim ( )

Se você assinalou que é regular ou ruim, descreva o porquê.

---

9. Na sala de aula, como era o comportamento dos(as) alunos(as)?

(A) Havia respeito.

(B) Alguns(mas) demonstravam desrespeito com os(as) outros(as)?

(C) Alguns praticavam desrespeito inclusive comigo.

10. Você conhece alguma pessoa que sofreu algum preconceito e se sentiu intimidada em frequentar as aulas?

( ) SIM      ( ) NÃO

11. Se sim, por que isso ocorreu? Essa pessoa foi amparada por algum(a) profissional da escola?

---

---

---

---

12. Responda por que na época você parou de estudar.

---

---

---

---

**APÊNDICE B****QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES**

13. Qual é a sua idade?

---

14. Qual sua função no colégio?

Sou professor/a                       Faço parte da equipe pedagógica

15. Você já conviveu com um aluno transexual ou travesti no colégio?

SIM     NÃO

16. Se não, como você lidaria com isso?

Trataria sem diferença alguma.

Trataria sem diferença alguma, porém teria dificuldade no convívio.

Eu prefiro pensar que não conviverei com nenhum, pois para mim é complicado.

17. Se você já conviveu com um aluno transexual ou travesti, como foi seu comportamento?

O mesmo dos outros alunos.

Eu evitava um pouco, mas tentava não demonstrar.

Sempre tive dificuldade em lidar com esse aluno.

18. Você já presenciou algum preconceito entre os alunos dentro da sala de aula? Qual foi sua reação?

Sim, tentei conversar com os agressores para parar.

Nunca presenciei fato algum.

Sim, mas deixei que resolvessem sozinhos; preferi não interferir.

19. Você entende que a discriminação sexual e o *bullying* contribuem de alguma forma para a evasão escolar?

SIM     NÃO

20. Você considera a relação professor/aluno importante? Por quê?